

## SOBRE MEU PAI

Meu pai, Miguel Bezerra, veio ao mundo em 16 de Março de 1909, informação que pode não ser verdadeira se o STF decidir que o calendário gregoriano é uma fake news ou o Edson Fachin declarar que a contagem dos anos devem começar a partir do dia da primeira menstruação de Dilma Rousseff.

Nasceu em um sítio na fazenda Angicos, perto de Lajinhas, que por sua vez está perto de Caicó, RN, uma cidade que tem como seu subúrbio mais conhecido a cidade de São Paulo. Quando de seu nascimento era desdentado, pelado e analfabeto.

Ainda bem jovem foi para o interior do Ceará buscar seu sustento, mas a seca que esturricava a terra também lhe secou a esperança de ter algo na vida. Em 1931 soube que o Governo estava planejando construir um açude em Caicó (o açude Itans). Junto com umas 40 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, iniciou a caminhada a pé até Caicó. Demoraram mais de 20 dias andando. No sertão só havia alguma rolinha ou preá que eram pegos para comida. Às vezes nem isso, e é quando se descobria a mandioca brava, uma versão venenosa da mandioca normal. Para se saber se era brava ou não, punham os cães para cheirá-la. Se eles refugassem, era das bravas. Ela era então colhida, descascada e fatiada para ser seca ao sol, quando então poderia ser comida, processo esse que durava uns 15 minutos. Acontece que inúmeras vezes a fome dos retirantes era tão grande que não tinham a paciência de esperar, se desesperavam para comê-la e aí mesmo se encantavam. Em Caicó chegaram não mais que umas 15 pessoas. Meu pai começou a retirada caminhando com um par de alpercatas de pneu de caminhão. Quando chegou em Caicó o solado já havia sido gasto, e os pés estavam em carne viva.

O açude de Itans começou a ser construído em 1932. A barragem do açude começou a ser feita com barro e pedras, transportadas em lombo de jumentos e socados à base de pás e picaretas até que o Governo conseguisse um trator do Estado para o trabalho. Deste ano até 1935, quando foi inaugurado, a construção do açude proveu alimento e sobrevivência para muita gente. Antes que terminassem as obras meu pai entrou para a Polícia, uma situação financeiramente mais reconfortante mas que não durou muito.

Em Novembro de 1935 houve a intentona comunista no Rio Grande do Norte, começando em Natal no dia 23. Quatro dias depois o Governo de Getúlio Vargas esmagou o movimento e começou a “caça às bruxas”. Meu pai, junto com outros poucos policiais, foi posto com uma espingarda em uma das entradas da cidade para “prover a segurança do povo” contra uma eventual invasão dos comunistas. Não tinha nenhuma idéia do que estava acontecendo. Alguns dias depois o Exército dominou o Estado, prendeu todos os suspeitos e, de cambulhada, todos os guardas de Polícia: foram todos detidos e mandados para a prisão de Fernando de Noronha (desde 1738 a ilha recebia condenados, e foi designada como prisão militar em 3 de Outubro de 1833). Junto com 3 outros companheiros, dividiam uma cela onde duas vezes por dia a maré inundava o piso e trazia caranguejos, ratos, baratas e outros animais que nos lembram políticos e ministros do STF. Ficaram presos até os inquéritos militares chegarem a eles, simples meganhas, depois de inquirirem coronéis, majores, capitães, etc. Claro, esses pobres coitados não tinham nenhuma idéia do que havia ocorrido, sendo portanto, libertados.

A essa altura meu pai, revoltado com a política, voltou a Caicó, apaixonou-se pela minha mãe, mas não tinha um mísero centavo no bolso para se aventurar a casar.

Uma empresa do sul, Carneiro de Rezende, estava recrutando operários para a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (a famosa Brasil – Bolívia). Foi aí que meu pai resolveu se

aventurar para ganhar dinheiro e casar-se. Foi parar em Mato Grosso depois de duas semanas viajando em “Pau-de-Arara”. Em 1942 estava na Bolívia, já com algum dinheiro no bolso, e então casou-se com minha mãe por procuração – a grana não dava para ir até Caicó buscar a donzela de seus sonhos.

Meu irmão nasceu em 1943 em Corumbá, que tinha um pouco mais de recursos que o sertão da Bolívia, já que se antevia que minha mãe teria problemas no parto. Em 1945, por obra e graça do Espírito Santo, foi minha vez de vir à luz, mas quase matando minha mãe no nascimento. O médico em Corumbá avisou que ela não poderia mais ter filhos. Entretanto no final do ano houve nova gravidez, e quando chegou a hora do nascimento do que seria meu irmão mais novo, minha mãe foi enviada para a casa de um irmão dela em Valparaíso, interior de São Paulo, deixando meu pai trabalhando na Bolívia. Nessa cidade ela faleceu junto com o meu irmãozinho à época de seu nascimento. Meu pai, esperando pela esposa e pelo seu novo filho, recebeu um pacote com as fotos e as certidões de óbito dos dois em seu lugar.

Após esses eventos, meu irmão e eu fomos despachados para Caicó para sermos criados pela nossa avó materna, e lá ficamos até o segundo casamento do meu pai em Setembro de 1952.

Minha avó tinha um plantel de 4 cabras e, com nossa ajuda, vendia o leite delas todos os dias na vizinhança. Prometeu-nos que guardaria uma cabra para mim e outra para meu irmão para começarmos a vida quando crescessemos.

Em Caicó meu pai se casou, pegou minha madastra e os dois filhos e voltou para a Bolívia.

Viajamos em um navio cargueiro/passageiro do Lloyd Brasileiro (hoje não existe mais) de Natal a Santos, com escalas em quase todos os portos da costa brasileira, uma viagem que duraria 12 dias. Lembro-me da chegada ao Rio de Janeiro, na noite do dia 26 de Setembro. No dia seguinte, 27 de Setembro, com o navio ainda atracado, chegou a notícia da morte do cantor Francisco Alves, o “Rei da Voz”. Comoção geral. E aí quase que o casamento dos dois pombinhos foi parar no fundo do mar. Minha madrastra, professora primária e com algum lustro social, começou a chorar. Já meu pai, grosso beradeiro que da vida só conhecia o trabalho duro e que nunca havia ouvido falar de Francisco Alves, sentiu-se corneado em ver a esposa em plena lua de mel chorar convulsivamente pela morte de um outro homem! Por pouco a mulher não foi jogada no mar ou despachada de volta para Caicó na mesma hora.

Era comum, no acampamento dos trabalhadores na Bolívia, chegar um bando de bugres praticamente pelados, com apenas uma proteção de fibras nas partes pudendas, e passarem a vasculhar o que tinha na cozinha, se assustarem com um rádio falando como gente, e pedindo facões de presente. Isso tudo para horror de minha madastra, sozinha em casa com duas crianças e à mercê de um bando de homens pelados. Felizmente nenhum deles havia frequentado Universidades Federais do Brasil, já que não existiam à época.

Após um par de anos meu pai saiu do trabalho bruto e como sabia fazer contas foi nomeado encarregado do Almoxarifado da obra. Era responsável pela entrega de materiais de construção aos operários. Entre uma e outra atividades teve febre amarela, beri-beri e picada de cobra. Mas resistiu a tudo. É dele a expressão “cabra macho não toma mel, come abelha com favo e tudo”.

Um dia teve que entregar bananas de dinamite para a explosão de rochas na frente de trabalho, limpando a área para a chegada dos dormentes e trilhos. Essa entrega era feita com uma bicicleta marca Gorick, que tinha uma cesta na frente e uma garupa atrás, onde eu costumava encarapitar-me para acompanhá-lo. Após a entrega, umas 4 horas depois, já estávamos voltando quando um

cheiro de carniça avisou que havia onças por perto. Não deu outra. A uns 50 metros de distância, em cima de umas pedras, duas onças, que não observavam algumas etiquetas sociais à mesa na hora da refeição, devoravam um veado de quatro patas recém abatido. Pararam de mastigar e passaram a nos seguir com os olhos. Meu pai mandou que eu ficasse quietinho, sem falar nada nem fazer movimentos bruscos, como se precisasse, já que paralisado estava eu, sem possibilidade de passar nem sinal de Wi-Fi por qualquer abertura do corpo.

Após o período na Bolívia, com o término da construção da estrada de ferro, fomos parar na região de Cuiabá, onde a empreiteira ganhou a concorrência para a construção de um trecho da rodovia Campo Grande – Cuiabá entre Rondonópolis e a capital do estado. Não se tinha conhecimento do atual dignificante e sacrossanto costume de propinas a funcionários públicos para superfaturar obras, exceto, talvez, pela existência de alguns frangos e leitões suspeitos nas festas de final de ano.

Após aposentar-se, meu pai e minha madastra voltaram a Caicó. Hoje, 18 de Junho de 2020, faz exatamente 30 anos que faleceu. Está enterrado em uma cova rasa em Caicó, seguido de minha madastra que ainda sobreviveu por mais 25 anos. Não deixou nada, absolutamente nada, de valor monetário neste mundo. Mas as lições de honestidade sobriariam para encher o Brasil de norte a sul, de leste a oeste

Bem, isso é tudo por hoje.

Escreverei um pouco sobre minha simples existência em seguida.

## SOBRE MINHA PESSOA

Não tenho muito a falar sobre mim.

Nasci em Corumbá, MS, em 15 de Março de 1945, igualmente sem roupas, desdentado e analfabeto.

Perdi minha mãe antes dos dois anos de idade e fui criado pela minha avó materna até 1952, quando meu pai se casou pela segunda vez. Morei na Bolívia por alguns anos, onde meu pai trabalhava na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a então famosa Brasil – Bolívia.

Aos 10 anos, em 1955, fui internado na Escola de Iniciação Agrícola Gustavo Dutra, então pertencente ao Ministério da Agricultura, em São Vicente, cerca de 90 quilômetros de Cuiabá. O Diretor da Escola veio a ser meu sogro 14 anos depois. A escola aceitava meninos de origem rural e tinha como lema “Aprender a Fazer Fazendo”. Além do estudo equivalente ao ginásial, os alunos trabalhavam nos vários setores da Escola: estábulo, apiário, pocilga, laranjal, aviário, etc. Essa era a maneira de as famílias terem como “pagar” pelo ensino de seus filhos. Hoje a Escola é um Instituto de Tecnologia Agrícola da Universidade de Mato Grosso mas naquele tempo o estudo não ia além do ginásial. A continuação natural (o curso Colegial) era a Escola Agrotécnica Nilo Peçanha em Pinheiral, RJ, e para lá fui.

Em São Vicente aprendi datilografia e isso permitiu que ganhasse meus primeiros dinheirinhos, podendo então ajudar meus pais com isso, e essa habilidade também seria meu ganha pão por longos anos.

Meu sonho, desde que me entendi por gente, era ser Engenheiro pela Escola Politécnica da USP, um sonho que todos consideravam simplesmente inexecutável. Na opinião de meu pai, quando terminasse o Colegial e como era um bom datilógrafo, um emprego em alguma firma já era uma excelente opção e, para tal, já me havia arranjado uma posição de escriturário em uma loja de roupas em Bauru, onde morava então.

Durante os 3 anos de colegial não fazia outra coisa na vida a não ser estudar para o vestibular (não havia Fuvest ou Enem na época). Precisei esconder-me na casa de uma tia em São Paulo, com meu pai me caçando em todos os lugares para assumir o emprego na loja de Bauru e poder ajudá-lo financeiramente. Minha tia, a mais pobre de toda a família (o marido era um trabalhador braçal) e com cinco filhos para cuidar (uma era deficiente mental), foi quem me sustentou por 3 meses. Sei que cada pedaço de pão que me dava era tirado de seus filhos. Consegui ser aprovado entre 3.400 candidatos para 170 vagas, algo simplesmente impensável para todos que me cercavam. Apesar de a Universidade de São Paulo ser pública e gratuita, o restante de sustento da vida não era: casa, comida, livros, etc.

Consegui um emprego de datilógrafo em um escritório em São Paulo, que me permitia comprar algo para forrar o estômago. Os cursos da Escola Politécnica, dos mais puxados do País, eram em regime integral, tendo aulas inclusive aos sábados. Terminando o dia letivo, ia para o meu trabalho à noite, onde ganhava por laudas datilogradas. Foi a época mais dura da vida. Cheguei a dormir em bancos na Praça da República no centro de São Paulo ou nas mesas do escritório, tendo que sair de madrugada para não ser pego pelos funcionários do dia. Penso em alguns desses jovens de hoje que pregam o socialismo vagabundo entre copos de uísque lá em Ipanema e que nunca souberam o que é ter como café da manhã somente um copo d’água na barriga.

Quando estava no terceiro ano de Engenharia cheguei a preparar minha requisição de trancamento de matrícula. Não o entreguei na Secretaria porque me faltou o dinheiro do ônibus para chegar à Cidade Universitária. À tarde, sem nenhum prévio acordo, meu irmão apareceu e me avisou que iria

deixar algumas matérias de lado na Faculdade de Filosofia da USP e, com isso, livrar algumas horas do dia para trabalhar em regime de 8 horas diárias em uma metalúrgica no ABC paulista e que, com isso, me ajudaria com meio salário mínimo para que eu não interrompesse meus estudos. Devo um pedaço de meu diploma à minha pobre tia e ao meu irmão.

Vivi o início e a implantação do regime militar instalado em 1964. Como bom estudante, participei de passeatas, levei borrachadas da Polícia e imaginava que o mundo deveria ser socialista, a única forma de governo que proporcionaria a felicidade geral dos povos. Quanta ilusão!

Consegui formar-me em 1963, aos 21 anos de idade, e foi a partir daí que consegui sentir-me pertencente à raça humana.

Entre o final dos anos 70 e meados dos anos 80 trabalhei como Engenheiro na Villares em São Bernardo do Campo, quando conheci um cafajeste chamado Luiz Inacio Lula da Silva, a maior desgraça que aconteceu em nosso País, apesar de este título ser bravamente disputado nos dias de hoje por Alexandre de Moraes, Gilmar Mendes, Celso de Mello e Dias Toffoli, além de outras éguas correndo no páreo. Não vou entrar em detalhes.

Tive de meu casamento quatro filhos. São três flores e um macaco. Três são médicos e uma é advogada, tendo o varão concluído o doutorado em Medicina pela USP. Hoje tenho 6 netos, quatro rosas e dois cravos. Dois dos médicos vivem no Brasil, uma na Austrália e a advogada casou-se com um americano aí no Brasil e mudou-se há 3 anos para os Estados Unidos.

Minha segunda e atual esposa tem dois filhos: a menina é farmacêutica e empresária e o rapaz é formado em gastronomia, vivendo ambos em Maringá, Paraná.

Em 1996 entrei em uma empresa americana de Consultoria em Engenharia Industrial em São Paulo. Após quatro anos fui convidado pela matriz para transferir-me para os Estados Unidos, participando da implantação da filial da companhia na costa oeste, baseada em Phoenix, Arizona. Como falo bem o Espanhol em virtude de meus anos de Bolívia, fui encarregado das operações da empresa no México e na América Latina. Meus patrões providenciaram e custearam toda a papelada para tornar-me, e à minha esposa, residentes e depois cidadãos americanos. Fiquei nessa Empresa até 2009, quando a crise econômica americana desestruturou toda a atividade econômica. Em duas semanas fui contratado por uma outra Empresa. Não acredito que teria alguma chance de trabalho aí no Brasil aos 64 anos de idade, e isso é um dos pontos pelos quais tenho imensa apreciação por este imenso País em que vivo atualmente.

Aposentei-me em Agosto de 2017. Trabalhei, portanto, por mais de 60 anos de minha vida. A empresa para a qual trabalhava, em Chicago, fabrica componentes mecânicos para transmissões de helicópteros militares.

Hoje tenho minha vida com minha esposa Luci e minha cachorrinha Milla em uma cidade praiana no centro da Flórida, a pouco mais de uma hora de Orlando.

Atualmente minha atividade mais frenética é ficar olhando a unha do dedão do pé crescer. Assim que me sinto cansado corro para ver o Jornal da Besta Fubana, uma vez que ao ler as sábias palavras do reverendíssimo Berto e os artigos dos amigos fubânicos evito não ter embotado o pouco da inteligência que me restou.

Tenha um dia maravilhoso, cheio de paz, alegria e prosperidade.